

Dostoiévski na Crise dos Naturalismos: uma análise crítica de O Duplo

Júlia Geiling Cardoso
Falcone *

DOI: 10.11606/issn.2318-8855.v11i1p246-258

Uma obra, seja ela de que espécie ou ramo artístico for, é sempre reflexo das representações, inquietações e movimentações pelas quais seu autor se depara em vida. Pode-se dizer, portanto, que uma obra é a concretização da percepção de seu autor sobre as próprias temporalidades, espacialidades e realidades em que está inserido. Sendo assim, é através de uma análise crítica de O Duplo, de Fiódor Dostoiévski, que o presente ensaio busca pensar problemáticas próprias do fin-de-siècle europeu (final do século XIX e início do XX) – como a chamada crise dos naturalismos e a emergência da consciência de sujeito –, como elas se apresentam e desenrolam no contexto russo de industrialização e modernização tardias, fazendo uma breve escala em Viena, e, por fim, como tais problemáticas são percebidas e representadas pelo autor da obra em questão.

Palavras-chave: Crise dos naturalismos; Dostoiévski; Fin-de-siècle; O Duplo; Século XIX.

* Graduação em História na Universidade de São Paulo (USP). E-mail: julia.falcone@alumni.usp.br

Introdução

Publicado em 1846, *O Duplo* de Fiódor Dostoiévski retrata os dilemas de Yákov Pietrovitch Golyádkin, funcionário público da nona classe da hierarquia burocrática de São Petersburgo, que se debate entre a representação que tem de si mesmo e a realidade até se deparar com seu duplo (um outro idêntico), o qual o perseguirá em todos os espaços de vivência, tornando-se seu inimigo mortal e somando-se aos seus dilemas até o levar a loucura.

Mesmo que a publicação da obra seja de meados do século XIX, aspectos que descrevem a realidade da narrativa, os dilemas do protagonista ou mesmo as questões centrais ressaltadas pelo autor ao longo da obra são elementos reveladores de uma percepção particular de Dostoiévski sobre a sua própria realidade, e que serão elementos de grande destaque no oxigênio mental europeu de *fin-de-siècle* (final do século XIX e início do XX). Talvez essa aparente discrepância temporal cause certo estranhamento, num primeiro momento. Mas, na realidade, ela nada tem de discrepante e, sim, é reveladora de uma linha de continuidade de transformações nas esferas cultural, econômica e social da Rússia, decorrentes de um processo de modernização que, como veremos mais adiante, se estende desde o século XVIII e atinge seu ápice justamente ao final do século XIX e início do XX.

Isto posto, pode-se dizer que Dostoiévski encontra-se no meio desse processo e entender essa aproximação entre o tempo que escreve e o tempo que aqui estamos analisando é o que guiará a presente análise. Assim, para avançarmos será preciso aguçar o olhar para além da obra em si, procurando compreender alguns dos aspectos ou contextos que a rodeiam.

Percepção e representação do próprio tempo

Para começar, é imprescindível pensar o autor como um homem de seu tempo e, assim, sua obra como expressão ou projeção de suas próprias percepções e anseios acerca da realidade em que está inserido. Para entender melhor essa questão, é possível traçar um paralelo entre o ofício do historiador e o ofício do escritor. Antoine Prost, pensando no que consiste o papel do historiador, ressalta a impossibilidade de impessoalidade e imparcialidade na produção historiográfica.

A história é o re-pensamento, a re-ativação, a re-ação no presente, pelo historiador, de coisas que, outrora, haviam sido pensadas, experimentadas e praticadas por outras pessoas. Faça o que fizer, o historiador não pode deixar de ser ele mesmo. (PROST, 2008, p.150)

Neste sentido, pode-se dizer que toda a história é autoconhecimento: *self-knowledge*. O conhecimento do passado é, também, a mediação pela qual o historiador prossegue a busca de si mesmo. (PROST, 2008, p.151)

Ora, assim como a produção historiográfica é autoconhecimento, nos termos colocados acima, a literatura também o é. Se o historiador pesquisa e escreve sobre o passado segundo os anseios que o seu próprio tempo lhe apresenta, o mesmo ocorre com o escritor, que o faz através da ficção. O ponto central aqui é que ambos, através da produção de uma narrativa sobre um tema ou objeto de análise qualquer, revelam, inevitavelmente, aspectos próprios da sua subjetividade e da maneira como encaram as problemáticas dos tempos e espaços em que vivem – assim como não existe uma história “natural”, o mesmo cabe para a literatura, pois ambas implicam e revelam medo, vontade, crenças, imaginação, intenções e significações por parte de quem as escreve (PROST, 2008, p.141).

Já que aqui se pretende uma análise da obra de Dostoiévski, entender essa primeira questão é essencial para avançar, pois uma vez que se tem claro que o autor é um homem de seu próprio tempo e sua obra é uma expressão ou projeção de sua percepção sobre esse mesmo tempo, fica evidente que o próximo passo dentro dessa

caminhada analítica é entender que tempo é esse, afinal.

***Fin-de-siècle*: crise dos naturalismos**

Segundo Carl E. Schorske, da mesma forma que conhecer os métodos críticos da ciência moderna é essencial para interpretá-la historicamente, conhecer as concepções analíticas dos estudiosos modernos de humanidades é essencial para entender as produções culturais e não-científicas do século XX ou, no caso, do final do século XIX (SCHORSKE, 1988, p.17). Sendo assim, esse *fin-de-siècle* europeu é marcado por um esgotamento dos naturalismos e dos excessos darwinistas – “De resto, as leis científicas perderam o caráter puramente determinista que as caracterizava no século XIX, de modo que a física moderna tornou-se probabilista.” (PROST, 2008, p.139) Em resposta a isso, intelectuais de diferentes áreas desenvolvem novas concepções para balizar o estudo de suas respectivas áreas do conhecimento, de forma que o esoterismo, misticismo e teosofismo são expressões marcantes dessas novas concepções. Ainda, no campo filosófico a consciência do sujeito vem como elemento forte para a formação de uma nova concepção, a fenomenologia, assim como a hermenêutica também sofre alterações na forma de ser concebida.

De forma geral, é possível dizer que essa crise dos naturalismos se configura a partir de uma volta à subjetividade e crise dos valores, em que as principais pautas de análise são os limites da vida consciente e inconsciente, a compreensão e observação daquilo que nos cerca, a realidade como uma *floresta de símbolos*, temporalidade e duração etc., além de dar grande destaque para a psicanálise. Fazendo um resgate, a própria discussão sobre concepção histórica apresentada por Prost e discutida acima se enquadra nesse momento de crise e de novas configurações hermenêuticas da historiografia.

Retornando à obra e à contribuição crítica de Paulo Bezerra, fica evidente como as questões dostoiévskianas conversam com esse oxigênio mental do final do século XIX e início do XX, seja pelo interesse do autor por obras e estudos sobre questões psicológicas e do funcionamento do cérebro (BEZERRA, 2011, p.237), seja pela recepção da obra em si pelo público, que enxerga sua visão inédita e heterodoxa de homem moderno (BEZERRA, 2011, p.249):

Sua obra parecia exigir repostas imediatas, veementes, e de fato, observada com algum recuo temporal essa primeira onda de recepção do autor russo – *grosso modo*, do final do século XIX a todo o primeiro terço do XX – parece movida por um fervor (...) Dostoiévski parecia tocar diretamente as paixões públicas de seu tempo fossem elas de índole secular ou religiosa, ética ou literária, conservadora ou revolucionária, e isso de tal modo que muitas vezes as fronteiras entre essas mesmas categorias pareciam dissolver-se diante dos olhos do leitor atônito. (BEZERRA, 2011, p.249)

De Viena à Rússia no *fin-de-siècle*

Mesmo que já se entenda de alguma forma qual o cenário intelectual desse *fin-de-siècle* europeu, ainda assim é preciso buscar uma especificidade maior, tentando entender como a Rússia se encaixa nesse contexto. Mas, antes de chegar ao destino final que ambienta a narrativa aqui em análise, vale fazer uma breve escala em Viena. Aqui, Carl E. Schorske já foi citado algumas vezes sobre a questão de *fin-de-siècle*, mas sua obra trata especificamente de Viena durante esse período, traçando uma análise a respeito das novas perspectivas intelectuais e culturais que surgem na capital austríaca, bem como a projeção dessas novas tendências para o restante da Europa.

Para entender a crise do otimismo liberal e da esquerda no século XX, Schorske parte da ideia de que a crise de um Estado liberal e a frustração política formam um contexto unificador de transformações simultâneas no âmbito cultural, de forma que há uma fuga do racional para um refúgio no idealismo, fazendo surgir um *homem*

Dostoiévski na Crise dos Naturalismos

psicológico onipresente, ao qual retornaremos adiante. O autor se volta para Viena ao perceber que era justamente no último Império do Antigo Regime, que se esfacelava ante o acelerado processo de modernização dos países do oeste europeu, que surgem as experiências mais radicais da modernidade, fazendo esse Estado multinacional fracassado “entrar na moda”.

Diante disso, o que está em jogo aqui é o sistema de valores do liberalismo clássico predominante em que os jovens modernos teriam sido criados (SCHORSKE, 1988, p.21). Esse liberalismo, por sua vez, se desenha de forma particular nesse Estado: no embate contra a aristocracia e o absolutismo barroco, sai derrotado em 1848, de forma que os liberais moderados que conseguem chegar ao poder sob um regime constitucional uma década depois, (ainda) precisam partilhar esse poder com a aristocracia e a burocracia imperial. (SCHORSKE, 1988, p.27).

(...) ela [burguesia austríaca] não conseguiu destruir e tampouco se fundiu com a aristocracia, e, devido à sua fragilidade, ela se manteve dependente e profundamente leal ao imperador, como um protetor paterno distante, mas indispensável. A incapacidade de monopolizar o poder fez com que o burguês, sentindo-se sempre um pouco forasteiro, procurasse uma integração com a aristocracia. (SCHORSKE, 1988, p.28-29)

Sendo assim, se há uma integração entre liberais e aristocratas, ela também se dá no campo da cultura, de forma que a cultura liberal da razão e do direito se funde com a vitoriana aristocrática, elegante, sensual e de casta, culminando num “composto altamente instável” (SCHORSKE, 1988, p.29) de uma *modernização pelo atraso*. Somando-se a isso, o quadro de atraso da modernidade austríaca propiciava que tal modernização ocorresse de forma aceleradíssima, concentrando o poder econômico nos bancos e setor agrário, colaborando para o crescimento industrial em torno da capital e um crescimento demográfico significativo. Como resultado, tem-se um Estado monárquico capitalista conservador, que lida com as mudanças modernizantes necessárias através de uma gigante máquina burocrática estatal, e que busca uma

identidade unificadora, mas que, ao mesmo tempo, se dissolve diante do conflito entre suas mesmas identidades.

Ainda que o caso de Viena seja bastante peculiar, ele não o é isoladamente, de forma que, entendendo esse contexto, é possível prosseguir a jornada rumo ao destino que mais interessa aqui, a Rússia. Segundo Flávio S. P. S. Nogueira, desde o século XVIII a Rússia se encontrava num embate entre forças modernizantes e de industrialização e forças conservadoras pró-servidão. Apesar da resistência, a força da modernização, sobretudo industrial, acaba por ganhar espaço, mas não sem uma cautela de manutenção do *status quo*: a modernização precisa se desenvolver, mas alterando o mínimo da estrutura social vigente (NOGUEIRA, 2013, p.28), de forma que no século XIX o país se encontra numa situação bastante semelhante à vienense, ou seja, um Estado monárquico capitalista de modernização tardia, mas acelerada, com uma burguesia atrelada e aliada à aristocracia social e culturalmente, além de contar com uma grande máquina pública burocrática, já que “o governo seria (e foi) o principal instrumento para a modernização russa” (NOGUEIRA, 2013, p.53).

O Duplo e suas questões

É diante desse cenário, e mais, na cidade mais impactada por todo esse processo – São Petersburgo – que a narrativa de *O Duplo* se desenvolve. Como um exemplo inicial da percepção de Dostoiévski sobre seu tempo e o retrato que faz dela, o protagonista Golyádkin ou outros personagens mais velhos fazem referência à uma “moda moderna” ou um “século industrial”. Ainda, o próprio Golyádkin serve ao sistema burocrático desse Estado russo caracterizado acima, e sofre com as transformações de sua realidade e com as novas dinâmicas socioculturais que ela impõe. Sobre isso, e dando ênfase ao relacionamento estreito entre burguesia e aristocracia e uma divisão

Dostoiévski na Crise dos Naturalismos

social quase de castas, na qual o pequeno funcionário, munido de seus valores, almeja a ascensão social impossível, Bezerra afirma:

Está lançada a dicotomia sobre a qual se estrutura toda a narrativa (...): de um lado a casa dos Beriendêiev, símbolo da riqueza e do fausto da alta sociedade, em torno da qual gravitam desde figuras da média e alta burocracia até ministros e altos dignatários da corte czarista, universo em que se concentram os valores essenciais da sociedade aristocrática; e, de outro lado, o espaço cinzento povoado pelo senhor Golyádkin e pequenos funcionários iguais a ele, onde nosso protagonista procura manter valores como auto-estima, sinceridade, retidão de caráter, franqueza e fidelidade, mas sonha com a casa dos Beiendêiev como espaço socialmente desejável. (BEZERRA, 2011, p.242)

Sendo assim, Bezerra também destaca que a *questão dos duplos*, posta desde o título da obra, se dá num processo de interação dialógica entre os personagens, principalmente diante das relações sociais desiguais dominantes nesta sociedade russa “na qual uma aristocracia com fortes traços de primitivismo se funde a uma burguesia emergente e primária, para dirigir a coisa pública com um burocratismo bolorento” (BEZERRA, 2011, p.239) e sufocante, que obriga o indivíduo a se questionar constantemente sobre sua existência e o seu papel social. Assim, as perturbações psicológicas do protagonista se desenvolvem e agravam a partir do meio em que ele vive e trabalha, cujas relações nos mais diversos âmbitos causam deformação moral e humana, forçam seus integrantes à uma relação estritamente individualista voltada aos interesses burocráticos e, caso contrário, são relegados ao isolamento e solidão, como se encontra Golyádkin que, assim, vê sua posição instabilizada e passa a criar inimigos e sentir-se perseguido para dar conta de explicar suas carências (BEZERRA, 2011, p.239).

Sobre essa solidão, já nos deparamos logo nos primeiros capítulos da obra, quando Golyádkin, em consulta com o Dr. Crestian Ivánovitch, é advertido por não cumprir as devidas recomendações médicas. A base de tais prescrições é a *mudança de hábitos*, um tratamento que deveria consistir em “divertimentos; fazer visitas a amigos

e conhecidos e ao mesmo tempo não ser inimigo da garrafa; conviver com grupos divertidos”. (DOSTOIÉVSKI, 2011, p.21), de forma que ficar em casa seria totalmente desaconselhável. Ainda, Crestian Ivánovitch reitera a necessidade de uma *mudança radical* (expressão destacada pelo próprio narrador da trama) na vida e caráter do protagonista.

Ora, essa passagem deixa mais do que evidente a exigência de adequação de um indivíduo destoante à realidade presente e, assim, uma tensão entre um novo e um antigo modo, bem como uma disputa de valores, já que não é apenas o estilo de vida que precisaria de uma transformação, mas também o caráter.

A começar por este último ponto, já foram discutidas as mudanças socioculturais que o processo de modernização acarretou e Dostoiévski, através de seu protagonista, se coloca de maneira bastante crítica em relação a essas mudanças. Além da menção de um *século industrial*¹ como a realidade dura e apática presente, Golyádkin também se refere a uma *época amoral* tomada por pessoas mascaradas, que por sua vez reflete a discussão já feita sobre o individualismo voltado aos interesses próprios dentro de um meio na qual as relações causam deformações, inclusive morais.

E isto é ainda mais doloroso e ultrajante porque até pessoas honradas, que têm ideias efetivamente nobres e, o mais importante, são diretas e francas, renegam os interesses de pessoas nobres e aderem com as melhores qualidades de seus corações ao verme da maldade — que por infelicidade proliferou com intensidade e extrema malevolência em nossa época amoral. [carta em resposta à Niéstor Ignátievitch] (DOSTOIÉVSKI, 2011, p.151)
(...) Estou apenas desenvolvendo um tema, quer dizer, Anton Antónovitch,

¹ É possível observar, de forma marcante, a menção desse termo nas duas passagens aqui destacadas: “Mas quanto a morar numa cabana, minha senhora, sabe como é, em nossa época não dá. Assim é a coisa! Sem uma boa educação em nosso século industrial, minha senhora, não dá, e neste momento a senhora mesma é um exemplo nefasto disso.” (DOSTOIÉVSKI, 2011, p.218); “Quanto a dengüices, minha senhora, não agradam hoje em dia, em nosso século industrial; sabe como é, já se foi o tempo de Jean-Jacques Rousseau.” (DOSTOIÉVSKI, 2011, p.219).

Dostoiévski na Crise dos Naturalismos

dando vazão à ideia de que as pessoas que usam máscara deixaram de ser raras, e que hoje em dia é difícil reconhecer uma pessoa mascarada... (DOSTOIÉVSKI, 2011, p.114)

Voltando à consulta com o Dr. Ivánovitch, também se falou de uma tensão entre novos e antigos modos e, embora a visão de Dostoiévski apresentada na narrativa seja de bastante pessimismo em relação ao presente (e quiçá ao futuro) que se desenrola, é possível observar essa tensão sob a ótica de uma relação dialética entre passado e presente. Ao mesmo tempo que o protagonista critica continuamente os novos tempos, ele também evoca um certo saudosismo em relação aos costumes e valores do passado que já não seriam mais apreciados pela juventude. Num diálogo entre Golyádkin e seu colega, Anton Antónovitch, essa percepção se sobressai:

— Ora, eu também peço que me desculpe. Aprendemos à moda antiga. Pela moda de vocês, a moderna, é tarde para nós aprendermos. Para o serviço que prestamos à pátria parece que até hoje nosso entendimento foi suficiente. Eu, meu senhor, como o senhor mesmo sabe, tenho uma insígnia pelos vinte anos de serviço irrepreensível...
— De minha parte, Anton Antónovitch, nutro exatamente o mesmo sentimento. (DOSTOIÉVSKI, 2011, p.114)

Ainda sobre essa questão, é interessante trazer a reflexão nietzschiana em relação a essa tensão dialética entre passado e presente. Assim, destaca-se que o conhecimento do passado só seria desejável quando colocado a serviço desse mesmo passado e do presente, mas não quando ele enfraquece o presente e as expectativas para o futuro (MANN, 2017, p.64), de forma que tudo o que é antigo e pertence ao passado pode ser venerável, outorgando àquilo que é novo ou que “está tornando” rejeição e combate; mas o contrário também acontece a partir do momento em que esse sentido histórico não conserva mais a vida presente, mas a mumifica (MANN, 2017, p.63). Sendo assim, podemos enxergar Golyádkin no meio desse impasse que, saudoso do passado, vê com repugnância e pessimismo o novo emergente, assim como é posto à margem por essa nova sociedade que lhe cobra uma *mudança radical* indesejada.

De qualquer maneira, a situação do protagonista não é tão simples nem tão estanque assim, pois por mais que sua postura se configure da maneira apresentada, sua busca por aceitação e sua consciência deixam clara a incerteza do personagem frente à como se posicionar, o que escolher e ao que seria o certo e adequado ou não, colocando-o num jogo enlouquecedor e interminável entre aceitação e negação da realidade ou mesmo de afirmação de si. É sob essa perspectiva, portanto, que Bezerra pensa o que seria a duplicidade em Dostoiévski: esta seria um *estado de uma consciência* que comporta, ao mesmo tempo, questões antagônicas e sobre as quais desempenha um movimento pendular entre uma e outra, entre a aceitação e/ ou recusa do outro e seu julgamento, ou a aceitação e/ ou recusa de si mesmo (BEZERRA, 2011, p.240).

(...) o pensamento, a consciência, a sensação de seu “eu” e de seus direitos são os mais altos valores que norteiam o comportamento do homem, e têm de ser afirmados num conflito com a vida que muitas vezes apavora o protagonista. Assim, a duplicidade radica no pavor do homem diante da vida e se manifesta em formas de cisão da consciência. (BEZERRA, 2011, p.240)

Dessa forma, pensando mais uma vez em Crestian Ivánovitch, mas agora como ponto de partida e de desfecho da narrativa, Bezerra enxerga as participações do médico como introdução e discussão da condição psíquica do protagonista, de início, e como sentença, ao final, uma vez que a cisão de consciência de Golyádkin é levada ao extremo, obrigando sua retirada do mundo dos homens e entrada definitiva no reino da loucura (BEZERRA, 2011, p.245).

Perante essa condição, e aproximando-se do final dessa análise, é possível retomar um tema citado anteriormente, mas sobre o qual alertou-se uma discussão posterior, o tipo social do *homem psicológico*. Voltando à Schorske, o autor argumenta que o homem racional típico do liberalismo clássico, que possui domínio científico sobre a natureza e controle moral sobre si (o completo oposto de Golyádkin, diga-se

Dostoiévski na Crise dos Naturalismos

de passagem) já não é mais suficiente diante da cultura moderna do novo século que se desenha. Agora, esse novo homem não seria apenas racional, mas também dotado de sentimentos e instintos e tornar-se-ia um tipo social onipresente, utilizado para explicar os mais diversos âmbitos da realidade (SCHORSKE, 1988, p.26).

Nessa passagem de heróis prometéicos para heróis epiméticos da cultura, a mais extraordinária foi a de Marx para Freud. Pois aqui a busca e compreensão dos males que afligem a humanidade tenderam a se deslocar do domínio público e sociológico para o privado e psicológico. (SCHORSKE, 1988, p.19)

Conclusão

Para concluir, não é à toa que esse *homem psicológico*, tão característico do *fin-de-siècle*, apareça com tanta força nas obras de Dostoiévski – é em *O Duplo* que esse personagem-tipo dostoiévskiano, caracterizado como “homem do subsolo”, aparece primeiro, mas retorna em personagens de obras como *Crime e Castigo*, *O Idiota*, *Os Irmãos Karamázov* etc. Como foi argumentado desde o início, o autor é um homem de seu tempo e, como tal, escreve a partir de suas percepções e realidade, e sua sensibilidade para a representação e discussão destas temáticas não passa despercebida, pois a recepção de sua produção – também já discutida – gera grandes debates, ainda não esgotados, durante a passagem dos séculos.

Referências Bibliográficas

BEZERRA, Paulo. O laboratório do gênio. IN: DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **O Duplo**. Poema petersburguense. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34 Ltda., 2011.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **O Duplo**. Poema petersburguense. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34 Ltda., 2011.

MANN, Heinrich. **Nietzsche**. Trad. de Maria Aparecida Barbosa e Werner Heidermann. São Paulo: Três Estrelas, 2017.

NOGUEIRA, Flavio Schluckebier Pinto Saraiva. **A Busca Pela Modernização: uma**

Júlia Geiling Cardoso Falcone

análise comparativa entre a Rússia Imperial (1861-1914) e a Rússia Soviética (1921-1939). Dissertação (Mestrado em Economia Política Internacional) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<https://www.ie.ufrj.br/images/IE/PEPI/disserta%C3%A7%C3%B5es/2013/Flavio%20Schluckebier%20Pinto%20Saraiva%20Nogueira.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2020.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. Trad. de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

SCHORSKE, Carl E. **Viena fin-de-siècle**. Política e Cultura. Trad. de Denise Bottmann. Campinas: Editora da UNICAMP; Companhia das Letras, 1988.